

## Ética inter-religiosa e convivência escolar: a regra de ouro como ponte para o diálogo e a cultura da paz

*Interreligious ethics and school coexistence: the golden rule as a bridge to dialogue and a culture of peace*

*Ética interreligiosa y convivencia escolar: la regla de oro como puente para el diálogo y la cultura de paz*

DOI: 10.52641/cadcajv10i2.1012

Submitted on: 5.30.2025 | Accepted on: 6.20.2025 | Published on: 6.30.2025

Ana Cristina Barreira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo discute as possibilidades de aplicação da Regra de Ouro como princípio ético transversal na convivência escolar, com ênfase na promoção do diálogo inter-religioso e da cultura da paz. A pesquisa adota abordagem teórica e interdisciplinar, fundamentada em autores das Ciências das Religiões, da Filosofia e da Educação, com o objetivo de identificar contribuições teóricas que possam ser operadas pedagogicamente em contextos de pluralidade cultural e religiosa. O estudo parte do entendimento de que a escola, ao lidar com múltiplas visões de mundo, deve promover uma ética da escuta e da alteridade, superando práticas de exclusão, intolerância ou silenciamento. A partir da análise crítica de obras de autores clássicos e contemporâneos como Panikkar, Cornille, Freire, Armstrong e Galtung o texto propõe uma articulação entre ética inter-religiosa e práticas pedagógicas voltadas à formação cidadã. Apresenta-se um quadro comparativo com foco nas contribuições aplicáveis ao cotidiano escolar, destacando a Regra de Ouro como base comum para a construção de relações respeitadas entre sujeitos de diferentes crenças. Por fim, o artigo reconhece os limites de sua abordagem teórica e propõe o desenvolvimento de investigações empíricas que verifiquem a efetividade dessas propostas no campo da educação básica. As reflexões apresentadas contribuem para o debate sobre o papel da escola na formação ética em sociedades pluralistas.

**Palavras-chave:** convivência escolar, cultura da paz, diálogo inter-religioso, ética, regra de ouro.

**ABSTRACT:** This article discusses the potential application of the Golden Rule as a transversal ethical principle in school coexistence, emphasizing the promotion of interreligious dialogue and a culture of peace. The research adopts a theoretical and interdisciplinary approach, based on authors from the fields of Religious Studies,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória (FUV). Vitória, Espírito Santo, Brasil.  
E-mail: anacristbar@gmail.com

Philosophy, and Education, with the aim of identifying theoretical contributions that can be pedagogically applied in culturally and religiously plural contexts. The study starts from the understanding that the school, when dealing with multiple worldviews, must promote an ethics of listening and otherness, overcoming practices of exclusion, intolerance, or silencing. Based on the critical analysis of works by classical and contemporary authors such as Panikkar, Cornille, Freire, Armstrong, and Galtung the paper proposes an articulation between interreligious ethics and pedagogical practices focused on citizenship education. A comparative chart is presented, highlighting the contributions applicable to school settings and emphasizing the Golden Rule as a shared foundation for the construction of respectful relationships among individuals of different beliefs. Finally, the article acknowledges the limitations of its theoretical scope and proposes further empirical investigations to assess the effectiveness of these approaches in basic education. The reflections contribute to the debate on the role of schools in ethical formation in pluralistic societies.

**Keywords:** ethics, golden rule, interreligious dialogue, peace culture, school coexistence.

**RESUMEN:** Este artículo analiza las posibilidades de aplicación de la Regla de Oro como principio ético transversal en la convivencia escolar, con énfasis en la promoción del diálogo interreligioso y la cultura de paz. La investigación adopta un enfoque teórico e interdisciplinario, fundamentado en autores de los campos de los Estudios Religiosos, la Filosofía y la Educación, con el objetivo de identificar aportes teóricos con potencial de aplicación pedagógica en contextos de pluralidad cultural y religiosa. El estudio parte de la comprensión de que la escuela, al enfrentar múltiples visiones del mundo, debe promover una ética de la escucha y de la alteridad, superando prácticas de exclusión, intolerancia o silenciamiento. A partir del análisis crítico de obras de autores clásicos y contemporáneos como Panikkar, Cornille, Freire, Armstrong y Galtung el texto propone una articulación entre ética interreligiosa y prácticas pedagógicas orientadas a la formación ciudadana. Se presenta un cuadro comparativo que destaca las contribuciones aplicables al entorno escolar, subrayando la Regla de Oro como fundamento común para la construcción de relaciones respetuosas entre personas de diferentes creencias. Finalmente, el artículo reconoce los límites de su abordaje teórico y propone el desarrollo de investigaciones empíricas que evalúen la efectividad de estas propuestas en el ámbito de la educación básica. Las reflexiones contribuyen al debate sobre el papel de la escuela en la formación ética en sociedades pluralistas.

**Palabras clave:** convivencia escolar, cultura de paz, diálogo inter-religioso, ética, regla de oro.

## 1. INTRODUÇÃO

A convivência em espaços escolares tornou-se, nas últimas décadas, uma temática central no campo da educação, sobretudo diante da crescente diversidade religiosa, étnica e cultural que atravessa o cotidiano das instituições de ensino. A escola pública, marcada por sua natureza laica e plural, é hoje palco de interações complexas entre alunos, professores e comunidades com distintas formações de mundo. Diante desse cenário, emerge com força renovada a necessidade de pensar uma ética que favoreça o diálogo e a mediação pacífica de conflitos. A proposta de uma *ética inter-religiosa*, nesse contexto, não se confunde com o ensino doutrinário, mas se refere à busca por valores comuns que possam sustentar práticas de respeito e escuta mútua.<sup>2</sup>

Entre os princípios compartilhados por diversas tradições religiosas e filosóficas, destaca-se a chamada Regra de Ouro, expressa em diferentes culturas na forma: “Não faças ao outro o que não queres que te façam” ou ainda “Trata o outro como gostarias de ser tratado”. Essa máxima, longe de ser exclusiva de uma confissão de fé, está presente no judaísmo, cristianismo, islamismo, budismo, hinduísmo e confucionismo, assumindo contornos diversos, mas com núcleo ético semelhante. Karen Armstrong (2008), ao investigar as origens das tradições religiosas, ressalta que esse princípio funcionou historicamente como eixo de autorregulação moral e como critério de convivência em comunidades plurais. Isso torna a Regra de Ouro uma ferramenta valiosa para práticas educativas voltadas à cultura da paz.

Contudo, aplicar tal princípio em ambientes escolares exige mais do que uma evocação simbólica. É necessário compreender como ele pode ser traduzido em atitudes concretas no cotidiano pedagógico, especialmente em situações de conflito, intolerância e exclusão. Paulo Freire (2021) argumenta que a escola democrática é aquela que educa para o diálogo, promovendo a escuta ativa e a aceitação da alteridade. Sob esse prisma, a

---

<sup>2</sup> O termo *ética inter-religiosa*, conforme proposto por Knitter (2002) e Cornille (2008), refere-se a um modelo de diálogo baseado em valores morais compartilháveis entre tradições distintas, e não ao ensino religioso confessional. Essa abordagem busca promover a convivência, reconhecimento da alteridade e formação ética laica no espaço público.

ética inter-religiosa não se limita à tolerância passiva, mas convida à convivência ativa, baseada em empatia, reciprocidade e construção coletiva do bem comum.

Do ponto de vista das Ciências das Religiões, pensar a Regra de Ouro como fundamento ético não significa reduzir a complexidade das tradições, mas identificar, com cautela hermenêutica, os pontos de convergência que possam favorecer a convivência em meio à diferença. Panikkar (1999) propõe o conceito de *diálogo intrarreligioso* como forma de aproximar tradições sem diluí-las, respeitando suas especificidades e reconhecendo que há sabedorias complementares. Esse tipo de abordagem torna-se especialmente relevante quando aplicado ao espaço escolar, pois permite formar cidadãos capazes de dialogar com a diversidade sem necessidade de homogeneização.

É nesse cruzamento entre ética, educação e religiosidade que se situa a presente investigação. Ela parte do entendimento de que a cultura da paz na escola pública não será plenamente alcançada por normas disciplinares ou programas formais, mas por processos formativos que favoreçam a escuta, a empatia e a valorização do outro como legítimo na diferença. O desafio, portanto, é pensar como a Regra de Ouro, com seu caráter transversal, pode ser incorporada de modo pedagógico nas práticas escolares, sem violar o princípio da laicidade nem recair em moralismos abstratos.

A relevância do tema se justifica pela urgência de novas estratégias de convivência escolar, diante dos crescentes episódios de intolerância religiosa, preconceito cultural e violência simbólica nas instituições educacionais brasileiras. Ao propor a articulação entre ética inter-religiosa e educação para a paz, este estudo busca oferecer subsídios teóricos e pedagógicos para a mediação de conflitos e a formação ética de estudantes em contextos marcados pela pluralidade.

Este artigo tem como objetivo analisar como a Regra de Ouro pode ser aplicada no contexto da escola pública como princípio ético comum entre diversas tradições religiosas, promovendo a convivência pacífica, a escuta e o respeito entre alunos de diferentes crenças. Pretende-se também refletir, à luz das Ciências das Religiões, sobre as possibilidades pedagógicas dessa ética inter-religiosa como ferramenta de mediação de conflitos e construção de uma cultura da paz no ambiente escolar.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A REGRA DE OURO NAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS

A Regra de Ouro, amplamente difundida entre tradições religiosas e filosóficas, expressa um princípio ético de reciprocidade que atravessa culturas e períodos históricos distintos. Frequentemente formulada como “não faças ao outro o que não queres que te façam” ou “trata o outro como gostarias de ser tratado”, essa máxima aparece como base de conduta moral em diversas religiões, reforçando a possibilidade de um valor compartilhado capaz de favorecer o diálogo em contextos marcados pela diversidade. Armstrong (2008) argumenta que esse princípio, longe de ser uma coincidência, representa um movimento ético convergente entre tradições que buscam a convivência harmoniosa por meio da empatia e da autorreflexão.

No judaísmo, a Regra de Ouro se expressa de forma clara no Talmude: “Aquilo que é odioso para ti, não o faças ao teu próximo. Esta é toda a Torá; o resto é comentário”, evidenciando a centralidade da reciprocidade como núcleo da moral hebraica. O cristianismo, por sua vez, reformula esse princípio em termos positivos no Sermão da Montanha: “Tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei também vós a eles” (Mateus 7:12), consolidando a caridade como eixo das relações éticas. Já no islamismo, o mesmo valor é reiterado nos ensinamentos proféticos: “Nenhum de vós é crente até que deseje para seu irmão o que deseja para si mesmo”, conforme registrado em diversos *hadiths* reconhecidos pela tradição sunita.

O budismo propõe a compaixão universal como fundamento do agir ético, sintetizado no ensinamento: “Considera os outros como a ti mesmo”, presente nos primeiros versos do *Dhammapada*. Nesse caso, a reciprocidade emerge como consequência direta do reconhecimento da interdependência entre todos os seres sencientes. No hinduísmo, conforme interpretação de Zaehner (1966), o princípio dos deveres (*dharma*) opera como equivalente funcional da Regra de Ouro, ao orientar cada indivíduo a agir de modo a preservar a ordem moral e o bem-estar coletivo, com base em

uma ética de não-agressão e respeito mútuo<sup>3</sup>. Já no confucionismo, o conceito de justiça relacional se expressa em máximas como: “Não imponhas aos outros aquilo que não desejas para ti mesmo” (Analectos 15:23), estruturando a ética da convivência a partir da ordem e da equidade.

A presença reiterada desse princípio em religiões tão diversas sustenta a hipótese de que a Regra de Ouro pode ser utilizada como um elemento pedagógico transversal, especialmente no contexto escolar plural e laico. Max Müller (1873), ao propor uma abordagem comparativa das religiões, já apontava que os sistemas religiosos poderiam ser analisados não apenas por seus dogmas, mas também por seus valores morais compartilhados. Essa visão contribui diretamente para a concepção de uma ética inter-religiosa que, sem apagar as diferenças, reconhece pontos de convergência a partir dos quais é possível construir uma convivência respeitosa.

Nesse sentido, evidenciar a Regra de Ouro como fundamento ético comum contribui para o desenvolvimento de práticas educativas que favoreçam a escuta, a empatia e a mediação de conflitos nas escolas. Trata-se de um caminho possível para promover uma cultura de paz que não impõe uma moral única, mas que valoriza os princípios de reciprocidade presentes nas tradições religiosas, oferecendo aos alunos referenciais éticos que dialogam com suas identidades e contextos socioculturais.

## 2.2 FUNDAMENTOS DA ÉTICA INTER-RELIGIOSA

A construção de uma ética inter-religiosa implica mais do que a simples convivência entre credos distintos; exige um processo de abertura ao outro, em que o diálogo não se reduz a tolerância, mas envolve reconhecimento, escuta e disposição para a transformação mútua. Raimon Panikkar (1999), ao desenvolver a noção de *diálogo intrarreligioso*, propõe que o encontro com o diferente deve ocorrer a partir do interior de cada tradição, não como relativização da fé, mas como aprofundamento de sua própria

---

<sup>3</sup> Zaehner (1966) interpreta o conceito de dharma como um princípio regulador que orienta o comportamento moral com base na harmonia coletiva, sendo, nesse sentido, compatível com o ideal de reciprocidade ética da Regra de Ouro.

autocompreensão. Para o autor, o diálogo inter-religioso autêntico não busca uniformidade, mas sim o reconhecimento da pluralidade como dimensão constitutiva da experiência humana do sagrado.

Paul Knitter (2002) compartilha dessa visão, defendendo que as religiões possuem algo a aprender umas com as outras no campo da ética, sobretudo no que diz respeito às práticas de compaixão, justiça e solidariedade. Em sua proposta teológica, Knitter destaca a ideia de que o compromisso com o outro deve preceder a ortodoxia, e que a salvação entendida não apenas em termos escatológicos, mas também como libertação concreta deve ser construída no terreno da alteridade e do engajamento comum com as dores do mundo. Tal abordagem fornece bases para uma ética inter-religiosa operativa, capaz de incidir sobre realidades como a violência, a intolerância e a desigualdade presentes em contextos escolares.

John Hick (2004), por sua vez, oferece uma contribuição fundamental ao deslocar o centro da verdade religiosa de uma perspectiva exclusivista para uma lógica do pluralismo teológico. Ao afirmar que as religiões são respostas culturais distintas ao Real último, Hick fundamenta a possibilidade de uma ética compartilhada não a partir de dogmas, mas da experiência humana do bem, do justo e do compassivo. Essa perspectiva permite repensar os conflitos religiosos não como disputas entre verdades absolutas, mas como expressões distintas de uma mesma busca por sentido, o que amplia o horizonte da convivência.

Já Catherine Cornille (2008) se debruça sobre os critérios que tornam o diálogo inter-religioso possível, mesmo em contextos assimétricos de poder, linguagem e doutrina. Para ela, a ética do diálogo exige cinco condições: humildade, compromisso, interconexão, empatia e hospitalidade. Essas disposições não operam no plano abstrato, mas se concretizam em práticas educativas e sociais onde o outro é acolhido como sujeito legítimo de saber, fé e dignidade. Sua contribuição é particularmente relevante para ambientes escolares multiculturais, pois oferece fundamentos éticos para práticas de escuta e mediação que reconhecem a diversidade como valor formativo.

A ética inter-religiosa, portanto, não se restringe à teologia do respeito, mas atua

como plataforma para a construção de vínculos significativos entre sujeitos de diferentes tradições. Ao se apoiar em princípios como a reciprocidade, a responsabilidade e a justiça relacional, essa ética propõe caminhos para a convivência pacífica, sobretudo em espaços como a escola, onde as identidades religiosas frequentemente se encontram, tensionam e se ressignificam. Como destaca Panikkar (1999), é precisamente no lugar do encontro que se revela a necessidade de pensar uma ética “plural, mas não relativista”.<sup>4</sup>

### 2.3 A CONVIVÊNCIA ESCOLAR E A EDUCAÇÃO PARA A PAZ

A escola, como espaço privilegiado de formação humana, tem enfrentado desafios crescentes no que se refere à convivência entre sujeitos de diferentes origens culturais, religiosas e sociais. Em um contexto marcado por tensões políticas, polarizações e episódios de intolerância, o ambiente escolar torna-se, muitas vezes, um reflexo das fraturas sociais mais amplas. Diante disso, o papel da educação na construção de uma cultura da paz ganha relevância renovada, especialmente quando se articula com práticas que promovem o respeito à diversidade e a resolução não violenta de conflitos.

Paulo Freire (2021), ao defender a pedagogia do diálogo, propõe uma educação fundamentada na escuta, no reconhecimento do outro como sujeito de saber e na superação das hierarquias autoritárias que bloqueiam a convivência ética. Para ele, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar condições para que o outro se descubra como ser em relação. Essa perspectiva crítica da educação exige um compromisso político com a formação ética dos estudantes e com a democratização das relações dentro da escola, inclusive aquelas atravessadas por diferenças religiosas e culturais.

Johan Galtung (1996), criador do conceito de *paz positiva*, diferencia a ausência de violência (paz negativa) de uma condição mais profunda, na qual estruturas de justiça, equidade e reconhecimento são ativamente promovidas. A cultura da paz, nesse sentido, não se alcança apenas pela neutralização de conflitos, mas pela promoção de valores que

---

<sup>4</sup> Panikkar distingue entre pluralismo relativista (que nega qualquer possibilidade de verdade objetiva) e pluralismo dialogal, que reconhece a verdade como relacional e acessível por múltiplas vias culturais e espirituais.



sustentam a convivência justa. Nas escolas, isso implica superar práticas excludentes e valorizar metodologias que desenvolvam empatia, cooperação e responsabilidade coletiva.

Leonardo Boff (2010), ao tratar da espiritualidade como dimensão ética do cuidado, propõe que a paz nasce do reconhecimento da interdependência entre os seres. Para ele, educar para a paz é formar sujeitos capazes de perceber o sofrimento alheio como extensão do seu próprio. Essa noção, embora inspirada em uma espiritualidade mais ampla, encontra eco em diversas tradições religiosas e pode ser trabalhada pedagogicamente no espaço escolar sem infringir o princípio da laicidade, desde que associada à ética da solidariedade e ao compromisso com o bem comum.

A pesquisadora Cristina Inoue (2010) reforça a importância da mediação de conflitos como estratégia formativa, destacando experiências locais de construção da paz que envolvem escuta ativa, participação e valorização das identidades. Segundo ela, a paz se realiza em práticas concretas e descentralizadas, que respeitam o contexto e promovem o protagonismo dos sujeitos. No ambiente escolar, essas práticas podem se manifestar em círculos restaurativos, assembleias de classe e projetos interdisciplinares voltados ao diálogo entre diferenças.

Importa destacar que a convivência ética na escola não é um dado espontâneo, mas uma construção contínua e intencional, que exige planejamento, formação docente e engajamento coletivo. A imposição de regras disciplinares, sem que haja um processo de internalização de valores, tende a gerar apenas conformismo ou resistência. É nesse ponto que a articulação entre educação para a paz e ética inter-religiosa se mostra fecunda, pois permite abordar a diversidade não como problema, mas como recurso pedagógico.

A escola, portanto, pode e deve assumir um papel ativo na formação de uma cidadania ética, capaz de dialogar com as diferenças religiosas sem promover doutrinação. Quando princípios como a Regra de Ouro são incorporados como referência transversal no currículo, não se trata de ensinar religião, mas de formar sujeitos abertos ao diálogo, ao respeito e à alteridade. Essa abordagem amplia o potencial da escola como espaço de transformação social e afirma sua relevância no combate às formas sutis e

explícitas de violência que ainda persistem no cotidiano educacional.

#### 2.4 CONTRIBUIÇÕES DAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES PARA O ESPAÇO ESCOLAR

As Ciências das Religiões, enquanto campo acadêmico interdisciplinar, oferecem importantes instrumentos teóricos para a análise da presença e do impacto das religiões no espaço público, especialmente na escola. Diferente da teologia confessional, esse campo busca compreender os fenômenos religiosos como construções culturais, simbólicas e históricas, situando-os em relação com outros sistemas de sentido. Carlos Rodrigues Brandão (2004), ao discutir a religiosidade popular e a educação, afirma que a escola não deve negar a existência da fé na vida dos sujeitos, mas sim aprender a dialogar criticamente com ela, reconhecendo sua função identitária e social, sem abrir mão da laicidade institucional.

Francisco Catão (1995) reforça essa perspectiva ao propor uma leitura das religiões como sistemas de sentido que modelam comportamentos, valores e visões de mundo. Ao adotar uma postura crítica e comparativa, o ensino sobre religiões no ambiente escolar pode contribuir para a compreensão da diversidade cultural e para o combate aos estigmas associados a determinadas tradições. Isso é particularmente relevante em contextos onde a pluralidade religiosa convive com tensões históricas, como o preconceito contra religiões afro-brasileiras ou a estigmatização de práticas indígenas e orientais.

Peter Berger (1985) propõe a ideia do “dossel sagrado” como metáfora para os sistemas religiosos que oferecem cobertura simbólica para o caos da vida cotidiana. Em um mundo cada vez mais secularizado e plural, esse dossel torna-se fragmentado, exigindo da escola a capacidade de lidar com múltiplos referenciais simbólicos. A escola pública contemporânea já não pode assumir uma unidade de valores religiosos ou morais como dados naturais; ao contrário, deve operar como espaço de mediação entre diferentes discursos, oferecendo aos estudantes instrumentos para compreender e não necessariamente aderir às distintas formas de religiosidade.

Zygmunt Bauman (1997), ao refletir sobre a ética na modernidade líquida, adverte que o excesso de liberdade desvinculado da responsabilidade gera uma convivência frágil, marcada por indiferença e utilitarismo. Nesse cenário, a escola se torna um dos poucos lugares capazes de formar sujeitos éticos conscientes da interdependência entre liberdade e dever. A Regra de Ouro, nesse sentido, funciona como princípio formador não de uma moral religiosa específica, mas de uma postura relacional que pode ser integrada ao cotidiano escolar como base para a convivência.

Michel Foucault (1975), por outro lado, convida à problematização crítica das formas de poder e disciplina presentes nas instituições educativas. Ao desnaturalizar os mecanismos que moldam condutas, o autor nos alerta para os riscos de uma ética instrumentalizada, imposta sem reflexão. Incorporar contribuições das Ciências das Religiões no debate escolar significa, também, desenvolver uma consciência crítica sobre como a moral é construída, imposta ou negociada no espaço pedagógico. Isso permite formar estudantes mais aptos a compreender o lugar das crenças, inclusive as suas em uma sociedade plural, democrática e dialógica.

### 3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter analítico-interpretativo, cuja finalidade consiste em refletir sobre os fundamentos da ética inter-religiosa no contexto da escola pública, com foco na Regra de Ouro como ponto de convergência entre tradições religiosas diversas. A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se pela ênfase na compreensão de significados e na interpretação de sentidos atribuídos a práticas éticas no campo da convivência escolar, o que, segundo Gil (2008), caracteriza esse tipo de investigação como voltado à análise de fenômenos sociais em sua complexidade. A natureza bibliográfica, por sua vez, baseia-se na sistematização de ideias e categorias extraídas de obras teóricas relevantes, permitindo um exame crítico do objeto de estudo à luz de referenciais consagrados nas Ciências das Religiões, na Filosofia e na Educação.

Os procedimentos metodológicos adotados envolveram a seleção criteriosa de fontes primárias e secundárias, abrangendo tanto autores clássicos quanto contemporâneos que se dedicam à ética, ao pluralismo religioso, ao diálogo inter-religioso e à educação para a paz. A seleção das obras considerou, como critério central, a relevância temática para o escopo do artigo, bem como a representatividade dos autores em suas respectivas áreas de produção. Foram privilegiadas publicações amplamente reconhecidas no meio acadêmico, incluindo títulos como *A grande transformação* (Armstrong, 2008), *The intra-religious dialogue* (Panikkar, 1999), *Pedagogia do oprimido* (Freire, 2021) e *The im-possibility of interreligious dialogue* (Cornille, 2008), entre outras. A análise das obras consistiu em leitura crítica, interpretação dos conceitos-chave e identificação de pontos de convergência entre os campos da ética e da religiosidade no espaço educativo.

A organização do referencial teórico seguiu uma lógica de segmentação temática, optando-se por agrupar os autores em blocos conceituais distintos: Regra de Ouro nas tradições religiosas; fundamentos da ética inter-religiosa; convivência escolar e cultura da paz; e contribuições das Ciências das Religiões para a escola. Essa opção metodológica permitiu preservar a coerência interna da argumentação e facilitar a compreensão progressiva do problema de pesquisa. A articulação entre os autores, embora presente de forma transversal, foi reservada à seção de discussão, de modo a respeitar a integridade das contribuições teóricas em seus contextos originais.

Do ponto de vista epistemológico, este estudo se fundamenta em uma abordagem interdisciplinar, compreendendo que os fenômenos ligados à convivência religiosa e à formação ética escolar não podem ser adequadamente abordados a partir de um único campo de saber. Como afirmam Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa interdisciplinar permite integrar diferentes perspectivas sem subsumir uma à outra, preservando a complexidade do objeto. Assim, a intersecção entre Ciências das Religiões, Teorias da Educação e Filosofia Moral constitui uma escolha metodológica necessária para problematizar os limites e as possibilidades de uma ética compartilhada no ambiente escolar.

A delimitação do estudo recai sobre a Regra de Ouro enquanto categoria de análise, não como objeto religioso em si, mas como princípio ético presente em diversas tradições e passível de ressignificação no contexto laico da escola pública. Não se pretende, portanto, discutir conteúdos de fé ou doutrinas específicas, mas compreender como valores transversais podem ser mobilizados pedagogicamente para fomentar a escuta, o respeito e a cultura da paz. Dessa forma, a metodologia adotada busca assegurar rigor acadêmico, coerência argumentativa e aderência aos critérios éticos e epistemológicos exigidos em publicações científicas de caráter interdisciplinar.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A construção teórica apresentada nos tópicos anteriores delineou um panorama amplo sobre a presença da Regra de Ouro em diversas tradições religiosas, os fundamentos de uma ética inter-religiosa, a importância da convivência ética na escola e as contribuições das Ciências das Religiões para o ambiente educativo. Esses eixos foram desenvolvidos com base em autores de diferentes áreas do conhecimento, o que conferiu ao estudo uma abordagem necessariamente interdisciplinar. No entanto, para que essas contribuições ganhem densidade no campo educacional, torna-se necessário destacar aqueles autores cuja produção teórica apresenta maior grau de aplicabilidade pedagógica, especialmente no que se refere ao enfrentamento dos desafios da convivência e da diversidade no cotidiano escolar.

Essa seleção não implica a exclusão dos demais pensadores abordados na fundamentação teórica, mas atende a uma estratégia metodológica que busca tornar mais visível a relação entre teoria e prática. É nesse momento que o texto se volta à síntese crítica de autores cujas obras não apenas problematizam as dimensões éticas e religiosas da vida em sociedade, mas também apontam caminhos concretos para sua tradução em ações formativas, práticas dialógicas e políticas escolares inclusivas.

Dentre os pensadores estudados, destacam-se, nesse sentido, aqueles que elaboraram proposições que ultrapassam o plano conceitual e se materializam em

propostas de formação, metodologias pedagógicas ou orientações para o trabalho em ambientes marcados pela diversidade religiosa e pela complexidade relacional. Tais autores serão reunidos no quadro a seguir, a fim de permitir uma visualização comparativa de suas contribuições centrais e das possibilidades de aplicação de seus conceitos no espaço escolar, com foco na promoção de uma ética relacional, dialógica e respeitosa da diferença.

Quadro 1 – Contribuições teóricas para uma ética inter-religiosa aplicada à convivência escolar

<b>Autor (Ano)</b>	<b>Campo</b>	<b>Contribuição central</b>	<b>Possível aplicação escolar</b>
Panikkar (1999)	Filosofia da Religião	Diálogo intrarreligioso; respeito à alteridade	Práticas de escuta e aceitação entre estudantes
Cornille (2008)	Teologia Comparada	Ética do diálogo (hospitalidade, empatia)	Projetos pedagógicos inter-religiosos
Freire (2021)	Educação	Diálogo, escuta ativa, formação crítica	Mediação de conflitos em assembleias escolares
Galtung (1996)	Cultura da Paz	Paz positiva; justiça relacional	Programas de convivência e justiça restaurativa
Armstrong (2008)	História das Religiões	Regra de Ouro como princípio ético universal	Base ética transversal para o currículo cidadão

Fonte: do autor, 2025

A análise dos autores reunidos no quadro revela um conjunto de convergências teóricas em torno da ideia de uma ética relacional capaz de sustentar práticas educativas voltadas à convivência pacífica e ao respeito à diversidade. Panikkar (1999), por exemplo, é um autor que já nos anos 1990 problematizava a insuficiência de um diálogo inter-religioso apenas interconfessional, propondo uma escuta mais profunda e autêntica entre visões de mundo distintas. Essa proposta, embora formulada há mais de duas décadas, antecipa com notável precisão as preocupações atuais com o pluralismo e com a necessidade de espaços educativos mais sensíveis às diferenças religiosas. A esse pensamento se soma, em perspectiva mais recente, o de Catherine Cornille (2008), que desenvolve categorias como hospitalidade, vulnerabilidade e humildade como condições

éticas do diálogo elementos fundamentais para o trabalho em contextos escolares multiculturais.

Quando comparados, percebe-se que autores como Panikkar e Cornille, embora situados em momentos históricos distintos, compartilham uma mesma crítica à lógica hegemônica do proselitismo e propõem uma ética da alteridade fundada na escuta e no acolhimento. No entanto, há uma inflexão importante: Cornille já escreve em um cenário mais visivelmente globalizado e tensionado por identidades religiosas transnacionais, o que a leva a enfatizar os limites e impasses do diálogo inter-religioso, ao passo que Panikkar ainda aposta em sua viabilidade quase ontológica. Essa diferença de horizonte histórico marca também os modos de pensar a escola: se Panikkar ainda vislumbrava a possibilidade de um espaço educativo simbólico e universal, Cornille reconhece os conflitos e disputas identitárias que atravessam a sala de aula.

Na esfera educacional propriamente dita, a obra de Paulo Freire (2021) se mantém atual por sua defesa intransigente do diálogo como fundamento da prática pedagógica. Seu pensamento encontra eco em iniciativas contemporâneas de cultura da paz, como aquelas propostas por Inoue (2010) e Galtung (1996), que reconhecem a educação como processo relacional e comunitário. A diferença entre Freire e Galtung, no entanto, reside na origem e no foco de suas teorizações: enquanto Freire parte da opressão para pensar a libertação pelo diálogo, Galtung pensa a paz como estrutura social positiva, sustentada por justiça e equidade. No contexto escolar, ambas as abordagens são compatíveis e complementares, especialmente quando a escuta ativa e a justiça relacional se tornam eixos de mediação de conflitos e organização da convivência.

Leonardo Boff (2010), ainda que não seja pedagogo de formação, contribui com uma leitura ético-espiritual da convivência baseada no cuidado e na compaixão, dimensões que dialogam com a Regra de Ouro sem vinculação confessional. Sua proposta ressoa com os escritos mais recentes de Karen Armstrong (2008), que, ao estudar a história das religiões, resgata a Regra de Ouro como princípio transversal às tradições e fundamento ético da humanidade. Ao contrário das leituras moralistas ou doutrinárias, Armstrong propõe que esse princípio pode ser trabalhado como valor civilizatório,

oferecendo à escola um ponto de apoio ético capaz de sustentar a formação de uma cidadania plural. O contraponto entre Boff e Armstrong reside no nível de abordagem: Boff parte de uma ética do cuidado enraizada na espiritualidade latino-americana, enquanto Armstrong adota uma abordagem histórico-comparativa que amplia o escopo ético das religiões.

Ao integrar essas diferentes vozes teóricas, o artigo propõe que a Regra de Ouro, longe de ser apenas um enunciado moral genérico, pode ser operada pedagogicamente como categoria transversal entre religiões e culturas. Para isso, é necessário que a escola pública reconheça a legitimidade das contribuições das Ciências das Religiões, sem confundí-las com ensino religioso confessional, e que professores sejam formados para lidar criticamente com a diversidade. O quadro apresentado funciona, portanto, não como fechamento, mas como abertura para múltiplas possibilidades de aplicação seja em projetos interdisciplinares, mediações restaurativas ou práticas pedagógicas de escuta e alteridade.

Reconhece-se como limitação do presente estudo sua natureza exclusivamente teórica e bibliográfica, sem coleta de dados empíricos em campo escolar. Embora o quadro comparativo e a análise crítica das obras selecionadas ofereçam contribuições relevantes, é necessário que futuras investigações explorem como esses princípios éticos e dialogais são percebidos e aplicados por professores e alunos na prática cotidiana da escola pública. Estudos empíricos que articulem a escuta de sujeitos escolares com a análise de políticas educacionais poderão ampliar o alcance desta proposta e aprofundar a reflexão sobre a formação docente em contextos de pluralismo religioso.

## 5. CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar a contribuição da ética inter-religiosa, com foco na Regra de Ouro, para a promoção da convivência escolar e da cultura da paz em contextos marcados pela diversidade religiosa e cultural. A partir de uma abordagem teórica e interdisciplinar, foram discutidas as possibilidades de aplicação pedagógica de



princípios éticos compartilháveis entre diferentes tradições, com destaque para autores que articulam teoria e prática educacional.

Os principais achados indicam que a Regra de Ouro, presente em distintas matrizes religiosas, pode ser ressignificada como categoria ética transversal no espaço escolar, favorecendo práticas de escuta, respeito mútuo e mediação de conflitos. A análise comparativa evidenciou convergências entre autores clássicos e contemporâneos quanto à urgência de formar sujeitos capazes de dialogar em meio à diferença, sem recorrer a imposições doutrinárias.

As contribuições teóricas discutidas apontam para a relevância das Ciências das Religiões na formação docente e na construção de propostas curriculares inclusivas, especialmente em sociedades pluralistas. Recomenda-se que futuras pesquisas desenvolvam estudos empíricos que verifiquem a aplicabilidade dessas abordagens em escolas públicas, ampliando o debate sobre ética, diversidade e educação para a paz.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **A grande transformação: a origem das tradições religiosas**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é religião**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Centauro, 2001.

CATÃO, Francisco. **Introdução ao estudo da religião**. São Paulo: Paulus, 1995.

CORNILLE, Catherine. **The im-possibility of interreligious dialogue**. New York: Herder & Herder, 2008.

DALAI LAMA (Tenzin Gyatso). **Ética para o novo milênio**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GALTUNG, Johan. **Peace by peaceful means: peace and conflict, development and civilization.** London: Sage Publications, 1996.

GANDHI, Mahatma. **Autobiografia: minha vida e minhas experiências com a verdade.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Martin Claret, 2004.

HICK, John. **An interpretation of religion: human responses to the transcendent.** 2. ed. New Haven: Yale University Press, 2004.

INOUE, Cristina Yumie Aoki (Org.). **Construindo a paz: teorias e práticas locais.** Brasília: IPEA, 2010.

KNITTER, Paul F. **Introducing theologies of religions.** Maryknoll: Orbis Books, 2002.

MÜLLER, Max. **Introduction to the science of religion.** London: Longmans, Green and Co., 1873.

PANIKKAR, Raimon. **The intra-religious dialogue.** New York: Paulist Press, 1999.